

HOMEM, TRABALHO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: INTERDEPENDÊNCIA E CONFLITOS EM SUAS RELAÇÕES

Francisco de Assis Santos Silva¹

Edna Maria Rodrigues da Silva²

Valdiana Gomes Nunes³

Marly Macedo⁴

GT 17- Trabalho, Educação e Emancipação Humana

RESUMO

Este trabalho surgiu a partir de leituras e discussões acerca do Homem e de seus processos de existência e relações sociais que geraram e sempre provocam embates sócio-político-culturais e educacionais. Assim, procurei apontar os pontos fundamentais que serviram de base ao ser humano e que o envolveram na luta pela sobrevivência e na produção de sua própria existência. Nesta missão de produzir-se como indivíduo pertencente ao meio (mundo), o homem produz seu modo de ser e viver e se produz através de sua principal função exercida, o trabalho. Esta práxis, como ação principalmente e inerente do ser humano, no desenvolver de sua evolução e aprimoramento possibilitou a criação de sistemas (do mais simples ao mais complexo) de organização do meio ao qual passou a conviver com outras pessoas. Este novo local, não mais natural e sim social, pois foi criado pela humanidade, passou a ser chamado de sociedade. Nesta, se observa um conjunto de práticas, ações, regras, valores e princípios planejados para permitir a convivência, onde foram estabelecidas relações de todos os tipos. Assim, a partir da primeira e principal atividade do ser humano, foram surgindo outras como, por exemplo, a educação, que permitiu a transmissão e acumulação dos processos culturais criados pelos homens. Portanto, neste texto serão discutidos pontos essenciais e que explicam a luta do ser humano na produção de sua existência, envolvendo as relações e conflitos que perpassaram e ainda perpassam essa existência.

Palavras-chave: Ser Humano, Trabalho, Sociedade, Educação, Dialética.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do seu processo de existência, o Homem foi evoluindo gradualmente de um ser individual para um ser com características sociais. Esse fato não aconteceu de forma isolada, uma vez que o indivíduo é a base da sociedade. Porém, isso se concretizou durante um longo e demorado estágio de evolução que o ser humano vem passando no meio em que vive. No decorrer desse acontecimento, desse percurso de desenvolvimento humano, muitos fatos e ações marcaram a transição de um período a outro. Por exemplo, para passar a viver em sociedade, os indivíduos que viviam reduzidos a pequenos grupos, foram passando por vários processos (longos!) de adaptação e readaptação, tanto individuais quanto grupais (coletivos).

Talvez o fato que merece nossa atenção e discussão, nesse caso, é o sistema de

¹ Autor, aluno graduando em Pedagogia pela UFPI, E bolsista do PIBID.

² Coautora, aluna graduanda em Pedagogia pela UFPI.

³ Coautora, aluna graduanda em Pedagogia pela UFPI.

⁴ Orientadora, Coordenadora do PIBID e do Curso de Pedagogia, no Campus de Parnaíba.

organização pelo homem de um meio para convivência e relações dentro de um espaço que até os dias atuais se convencionou chamar de sociedade. Essa expressão “sociedade” aqui deve ser pluralizada, haja visto que seres distintos pertencentes a grupos também distintos não puderam se unir em uma única sociedade no singular. A esse respeito, discutiremos ao longo deste trabalho que visa fazer uma breve busca sobre o desenvolvimento e organização do indivíduo e sua relação de luta pela sobrevivência que ele trava incessantemente com o meio ao qual está inserido. Portanto, aqui será feito um estudo mais dinâmico acerca do processo social, histórico e cultural humano no meio social, buscando conhecer e entender suas relações e os conflitos existentes nesse processo.

O principal alvo de investigação acerca dessa temática aqui abordada é ampliar e divulgar o conhecimento sobre o ser humano e seu complexo papel histórico-cultural para se estabelecer como um ser capaz de viver e conviver com outros seres, por meio da organização de relações sociais dentro de um mesmo local, isto é, dentro das sociedades.

Para tal, diferentes fontes e documentos de pesquisas serão citados e servirão de fundamentos para concretização desse conhecimento. Diferentes pontos de vistas e diferentes fontes bibliográficas permitir-nos-ão uma maior clareza e entendimento da vida vivida em sociedade pelo homem e de que mecanismos ele se utilizou para tornar possíveis essas relações sociais criadas para facilitar sua convivência.

Assim, estaremos alargando nossos conhecimentos acerca do ser mais complexo que já se fez presente no planeta terra. Portanto essa busca está em plena discussão sobre a organização da espécie humana e sua capacidade de pensar, agir e lutar para superar suas próprias necessidades.

2. HOMEM, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA

No processo existencial de luta humana no contexto natural e social tem como eixo central outro fator do que, segundo alguns pesquisadores, foi e continua sendo a principal atividade exercida pelo ser humano. Essa atividade é a relação de luta pela sobrevivência que o homem tem praticado ao longo de sua existência por meio do trabalho. Mais afinal, o que significa a expressão trabalho? Para tentar discutir epistemologicamente essa questão, buscamos a contribuição de alguns estudiosos, teóricos e pesquisadores do tema.

Segundo meksenas o trabalho é “uma atividade que exige gênero humano o uso constante das capacidades mentais e físicas na construção de ferramentas e objetos que possibilite sua existência” (MEKSENAS, 1990, P.32). Assim, essa função passou a ser exercida pelo homem a partir do momento em que ele sofreu uma grande transformação/readaptação física, quando começa a andar sobre as duas pernas tem suas mãos livres para produção/fabricação de meios que o auxiliassem na sua luta permanente com o meio em que está presente. E essa construção de novos meios, objetos só foi possível graças ao

desprendimento do dedo oponível (polegar) que permitiu ao homem maior agilidade em manusear objetos. É bom que se destaque que esse processo levou muitos anos para ser dominado pela espécie humana.

Meksenas ainda nos explica que esse episódio, além de passar por um longo e demorado processo, foi fundamental para o desenvolvimento social do homem, pois é a partir desses acontecimentos que surgem dois, dos mais importantes bens já produzidos pelo homem: a cultura e a linguagem. É o que ele denomina de “processo educativo coletivo, em que os homens aprendem juntos a sobreviver” (MEKSENAS, 1990, P.32).

Essa relação homem-mundo estabelecida por meio do trabalho provoca uma transformação radical em ambos, uma vez que à medida que transforma o mundo para sobreviver, o homem se transforma ao mesmo tempo. É a consequência da sua ação exercida sobre o mundo. Neste resultado de relação e interdependência do homem com a natureza, esta passa a trazer as marcas das atividades humanas por aquilo que Meksenas chamou de “processo de humanização da natureza”, ou seja, atribuir a ela o que é criação do homem.

Para agir física e mentalmente, o homem produz o trabalho que, de acordo com Marx, é a essência humana.

Precisa-se agir sobre a natureza transformando-a e ajustando-a às suas necessidades, em lugar de adaptar-se à natureza, tem de adaptá-la a si. E esse ato de agir sobre a natureza transformando-a é o que se chama trabalho. Portanto, é pelo trabalho que os homens produzem a si mesmo [...] (LOMBARDI E SAVIANI, 2005, P. 225).

Essa luta pela sobrevivência evoluiu cada vez mais. Os pequenos grupos formados inicialmente por alguns indivíduos foram se aperfeiçoando com o seu trabalho que posteriormente teve que ser dividido para atender às demandas do homem. Essa divisão de funções se deu pelas especificidades de cada tarefa. Surgem, ao mesmo tempo, as regras de convivência, onde grupos mais evoluídos tentam impor suas para demonstrarem certa superioridade em relação aos demais grupos. Com essa relação, surgem os primeiros sinais de exploração do homem pelo próprio homem, e se observa também as relações de poder, dominação e pertencimento.

Esse tipo de relação/dominação foi influenciado pelas formas de organização social e cultural da espécie humana nas suas diferentes sociedades desenvolvidas e habitadas por eles, estágios esses que deram origem a atual organização social em que vivemos (para falar de nós ocidentais). Ou seja, a sociedade de hoje é fruto das diferentes formas de organização pelas quais os seres humanos foram passando no decorrer de seu processo de existência. Por a sociedade nômade, da agricultura, do trabalhador industrial e outras até se chegar nessa sociedade na qual estamos presente, sociedade capitalista, que por sinal, é bem dinâmica. Cada tipo de sociedade se baseia nas relações sociais entre indivíduos, sendo que

nessas relações estão em jogo as relações sociais, matérias, econômicas políticas e forças produtivas. Essas forças produtivas exercerão grande influencia nas relações dos indivíduos em sociedade e seu modo de existência no transcorrer da história de seu desenvolvimento sócio histórico.

Campos afirma que as “forças produtivas são as forças naturais e aquelas criadas pelo próprio homem, sendo esta última a principal força produtiva e reprodutiva da vida social” (CAMPOS, 2008, P.18). A forma de organização da sociedade, de acordo com essa ideia, depende das relações estabelecidas e tem influencia decisiva na maneira de lutar pela sua existência e também sobre os próprios resultados dessa relação.

Analisando a forma de organização da sociedade, Marx, citado por Campos, explica que:

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de suas forças produtivas. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual (CAMPOS, in Marx; 2008 p. 47).

Marx faz uma grande análise do sistema de organização da sociedade, atribuindo a esta um alto grau de dinamicidade, contradição promovida pelas classes sociais que se confrontam constantemente por seus interesses que são antagônicos e contrários, ou seja, sociedade promovida pelas leis contraditórias da dialética.

Cortella (2011) afirma que temos de enfrentar a realidade natural chamada de mundo e lutar contra ela. Para ele, isso não significa gosto ou vontade, mas sim se situa no âmbito da necessidade. “Lutamos com a natureza e a natureza luta conosco, interferimos nela e ela em nós” (CORTELLA, 2011, P. 36).

A ação exercida pelo homem é uma ação transformadora e modificadora, [...]. Esse fato é conhecido como trabalho ou PRÁXIS, que é o instrumento de intervenção do homem no mundo. Essa ação exercida por meio de sua práxis produz outro fator essencial ao processo existencial que é a cultura, o mundo humano! (CORTELLA, 2011, P. 35-37).

É esse pensar e agir intencional dos humanos que deu origem ao espaço social para convivência em sociedade, com suas regras e também seu conflitos internos, com interesses econômicos, culturais e políticos. Como há uma intencionalidade em todo e qualquer produto do homem, a sociedade no seu cerne uma forte supremacia criada por grupos sociais (formado por uma minoria ou pequeno grupo) em detrimento de outros (sendo

esses formados pela grande camada social).

Em que tipo de sociedade se vive? Numa sociedade onde todos possuem os mesmos “direitos”? A resposta é óbvia que não! Esta sociedade na qual estamos inseridos é um lugar onde nem todo mundo tem direito de viver. Em que poucos possuem seu ócio por conta da exploração de uma grande quantidade de pessoas que sofrem trabalhando para que poucos tenham qualidade de vida. Sociedade de quem domina as forças produtivas e dominam a força física de produção. Em nome de quê? Em nome de benefícios capitais. Tem muita gente morrendo por esgotamento físico (por causa do trabalho manual muito pesado) para que possa ser garantida a vida de quem detém o poder intelectual. Isso é ou não DIALÉTICA? Com certeza, é sim! A SOCIEDADE surgiu com muitas contradições internas, uma vez que foi criada e instituída pelo homem que é, em essência, um ser dialético e contraditório. O que fazer? Lutar! Ir à luta! Mas, contra quem? Contra quem impõe regras e coisas e as defendem como naturais ou sobrenaturais.

Vejam contra que tipo de ideologias precisamos nos rebelar, segundo Marx e Engels:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. [...] os indivíduos que constituem a classe dominante, também têm consciência, [...], regulam a produção e distribuição de ideias do seu tempo, que são ideias dominantes da época (MARX & ENGELS, 1977, P.56-57).

A sociedade tem essa característica apontada pelos autores, pois sempre quem detém o poder seja ele econômico político ou ideológico vai impor a favor de seus interesses.

Levando esse fato para uma perspectiva materialista do processo sócio histórico de existência do homem, este estabelece relações de trabalho, modifica suas formas de organização, busca novos modos de produção, marcados pelas contradições das relações sociais, sendo essas manifestadas pelas relações conflituosas e de poder, que como consequência amplia ainda mais os horizontes das desigualdades, em que cada vez mais aumenta a fome no mundo com cada vez mais comida. Assim, essa sociedade e qualquer outra instituição criada pelos homens carregam consigo as características do tempo social, histórico e cultural a qual pertence (HORN & GERMINARI, 2006).

O trabalho por ser a principal atividade humana para produzir sua existência é uma das polêmicas mais antigas que se tornam cada vez mais atuais, em discussão e debates. É a principal fonte de investigação social, pois segundo Marx, o trabalho impulsiona o processo de formação, desenvolvimento e transformação do modo de produção da própria existência.

3. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: PONTOS DA NÃO NEUTRALIDADE

Seu ato de organizar e sistematizar a sua existência por meio do trabalho passou por muitas modificações. Isso acarretou na criação de novos meios sociais e culturais que permitissem a transmissão a outras gerações de seu processo de produção material. Aqui, outro fato fundamental instituído ou adquirido pela espécie humana para acompanhar o desenvolvimento e aperfeiçoamento do trabalho, que foi se tornando, paulatinamente, cada vez mais sofisticado e aprimorado. Estamos nos referindo ao sistema de organização cultural denominado de EDUCAÇÃO. Afinal qual a finalidade da educação e a benefício de quem ela surgiu?

De acordo com Cortella (2011), os processos culturais não são transmitidos através da hereditariedade e nem da genética, pois “ninguém nasce pronto e acabado, nem sabendo”, e sim vai aprendendo por meios das relações sociais, ambientais e culturais. Dessa forma, o homem não consegue se limitar em consumir o já produzido, pois ao mesmo tempo em que entra em contato com diferentes fontes de saber e conhecimento, produz, reproduz e supera (no sentido de ampliação) os produtos sociais e culturais.

Nós humanos necessitamos profundamente de “processos educativos” para conseguir viver no meio social, ou seja, para nossa sobrevivência em sociedade, dando significado à nossa existência. A educação tem função básica para tal. No dizer de Mário Sergio Cortella:

A educação pode ser compreendida em duas categorias centrais: a educação vivencial e espontânea “o vivendo e aprendendo” (pois o simples fato de se estar vivo é um contínuo processo de ensino e aprendizado); e a educação intencional, ou propositada, deliberada e organizada em locais pré-determinados e com instrumentos específicos (representada hoje pela escola e, cada vez mais, pela mídia) (CORTELLA, 2011, P. 42).

Essas categorias educacionais, mais especificamente a educação proposital e intencional são fundamentais para se compreender o ato racional de organização do meio que o homem passou a conviver com diferentes aspectos sociais, regras, desejos e interesses que estão envolvidos na organização da sociedade. Se por um lado somos eternos aprendentes naturais ou espontâneos, por outro lado, somos preparados ou pelos menos “treinados” para nos adequar ao meio não mais natural, mas agora ao meio social pensado pelo ser humano. Este condicionamento que recebemos fica ainda mais em destaque neste atual processo de educação que é transmitido na sociedade, em que constantemente precisamos acompanhar o ritmo de desenvolvimento das leis sociais do mercado, dominado pela sociedade de classes e dominado pela doutrina do capitalismo ou neoliberalismo.

Que tipo de educação acontece nessa sociedade? Não precisamos ir muito além para apontar algumas dicas. A educação que se transmite é uma educação fragmentada, dividida para

atender uma simples função: a de ajustar o trabalhador (que não me arrisco de chamá-lo por enquanto de cidadão) ao capitalismo. Como consequência, a educação é privilégio de poucos, visto que apenas uma pequena camada da sociedade (a burguesia) tem o direito de receber uma educação de qualidade, enquanto à classe operária “sobra” a educação padronizada e de adaptação ao sistema liberal, ao trabalho capitalista, pois está voltada para o trabalho desqualificado. E deste trabalho barato e deficiente se precisa para “escapar” (usando um termo bem popular e que tem muito sentido neste tema que agora debatemos) nessa sociedade capitalista.

Para que se compreenda melhor o que foi dito, recorremos a uma explicação bem profunda. LENNIN, citado por Lombardi e Saviani afirma:

E o que são as classes em geral? É o que permite a uma parte da sociedade apropriar-se do trabalho da outra. Se uma parte da sociedade apossar-se de toda a terra, temos a classe dos proprietários da terra e a classe dos camponeses. Se uma parte da sociedade possui as fábricas, as ações e os capitais, enquanto a outra trabalha nessas fábricas, temos a classe dos capitalistas e dos proletários (LENNIN, 1977, P.212. In LOMBARDI & SAVIANI, 2005, P. 247).

Da mesma forma acontece nessa sociedade capitalista acerca do processo educacional. O grupo que tem o controle de sistema não quer a mudança, a menos que seja para perpetuar ainda mais essas discrepâncias que já são terríveis.

Já nos referimos à cultura como sendo tudo aquilo produzido pela capacidade de criação do homem. Há uma cultura material (ferramentas, utensílios, máquinas...) e uma cultural não material (valores, regras, crenças...) advindas das relações práticas estabelecidas social e culturalmente que são transmitidos de geração a geração através das práticas sociais.

“Ninguém nasce sabendo; o que fazemos, o que criamos e o que pensamos são resultados do que aprendemos” (CAMPOS, 2008, P. 123). Para que haja essa perpetuação de processos socioculturais é necessário haver, nessa sociedade, processo de educação, pois é através deste que se dá a produção e reprodução das criações humanas. E é a aprendizagem dessa construção social que servirá como preservação cultural ou transformação social e cultural.

Nas sociedades, os indivíduos têm suas ações determinadas pela “consciência coletiva” (regras sociais), pois quando o indivíduo nasce já encontra uma sociedade em funcionamento, instituída com leis, normas e valores, organizada cultural, política e ideologicamente. Essa organização sistemática do meio foi possível pela criação coletivamente do sistema educacional. Porém, apesar de pertencer a uma sociedade com regras e princípios, o indivíduo pode intervir nela, podendo, através de suas ações e atividades, conservá-la como estar ou propor medidas para sua transformação.

Meksenas (2008) salienta que a escola é uma das principais instituições de

segregação das pessoas, pois marginaliza parte dos alunos, objetivando a reprodução da sociedade de classe. A escola surgiu dentro desse modelo de sociedade, e alguns autores defendem a desescolarização da sociedade, pois acreditam que a escola não é importante para a ascensão social das pessoas.

Pegando apoio em outra fonte de entendimento da sociedade, a escola, pode reproduzir a ideia do capitalismo, no entanto, pode servir (e é!) como instrumento de luta e transformação da sociedade a que pertence, em seu aspecto de investigação, de questionamento e transformador da realidade caótica que se vive.

Establet-Baudelot e Snyders, citados por Meksenas (2008), entram em contradição, pois enquanto os primeiros limitam a função escolar como sendo a de reprodutora do sistema social vigente, o segundo a compreende como sendo um meio de mudança e transformação, atribuindo a ela uma visão progressista. Dessa forma, a escola tem seu caráter conservador, mas como consequência de sua existência, possui também seu papel mudança. Aqui, mais uma vez encontramos a lei da dialética que compreende a sociedade composta pelos contrários e oposta.

De acordo com Cortella (2011), há duas tendências que se atribui à escola em sua relação com a sociedade: uma é a corrente do **Otimismo Ingênuo** e, a outra, é a do **Pessimismo Ingênuo**.

O **Otimismo Ingênuo** atribui à escola uma missão salvífica, ou seja, ela teria um caráter messiânico; nessa concepção, o educador se assemelharia a um sacerdote, teria uma tarefa quase religiosa [...], e em sua relação com a sociedade, a compreensão é a de que a educação seria a alavanca do desenvolvimento e do progresso. Nessa concepção, a escola não está ligada a nenhuma classe social [...]. O **Pessimismo Ingênuo** se contrapõe à ideia presente na primeira, pois afirma que a função da escola é a de reprodutora da desigualdade social, com um caráter dominador, tendo o educador um agente da ideologia dominante [...] (CORTELLA, 2011, P. 110-112).

Porém, nenhum desses argumentos, segundo Cortella, pode ser considerado totalmente certo, pois na primeira corrente, apesar de ter um ponto positivo ao acreditar na escola (otimismo), se torna uma visão ingênua por atribuir a ela uma função salvadora, ao imaginá-la como politicamente desinteressada. O pessimismo aparece quando afirma que a escola está totalmente dominada, sem uma autonomia própria, e se torna ingênua ao pensá-la como unicamente conservadora. Então que caráter tem a escola e qual sua função na sociedade? A discussão desse questionamento é o próprio Cortella quem traz. Segundo ele (2011), uma nova visão político educacional surge a partir dos anos 80, que buscou dilatar a visão obscura presente nas duas propostas referidas. Este novo enfoque político atribuído à escola recebeu o nome de **Otimismo Crítico**. Por que otimismo crítico? Porque esta

concepção defende que a educação escolar tem tanto uma função conservadora quanto uma transformadora, apontando o caráter dual que a escola possui.

Nessa abordagem, apesar de a escola pertencer a sociedade, afirma que nem uma nem outra é totalmente submissa ou dominada, mas há uma influência recíproca entre ambas, haja visto que ao mesmo tempo que a escola reproduz e conserva a sociedade, cria possibilidades para sua transformação. Aqui o “educador tem um papel político-pedagógico [...], e que escola e sociedade são vias de mão dupla e não uma amplamente dominada pela outra” (CORTELLA, 2011, P. 114).

Neste âmbito, entendemos que trabalho, educação e sociedade se colocam como pontos essenciais na luta pela existência do homem e se configuram como as atividades culturais mais complexas nessa luta constante, uma vez que cada acontecimento está inserido num contexto histórico-cultural específico.

Em relação a esse atual contexto, alguns questionamentos se fazem necessários: por que vivemos numa sociedade com tantas desigualdades e injustiças sociais? Onde ficam o trabalho e o processo educacional? O que significa emancipação humana? Onde está a liberdade do homem? Mas, existe liberdade? Que tipo de liberdade se pode falar nessa sociedade? Por que vivemos num mundo tão rico materialmente com tantas pessoas passando fome? Qual o sentido de ser educador diante desse cenário? Vejamos:

[...] nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis. A transformação social emancipadora requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação (MÉSZÁROS, 2005, P. 76).

Essa proposta de educação com missão de transformação emancipadora serve de incentivo para que possamos acreditar nela como ferramenta de mudança radical da sociedade, mesmo que carregue seu caráter de reprodução social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso que aqui realizamos acerca do processo de existência do homem como sujeito individual, social e político pertencente a um determinado período da história, fomos compreendendo que suas ações no desenvolver de sua história foram sendo desenvolvidas com muitas contradições sociais, políticas e culturais. Esses fatos marcaram “profundamente”, como diz Paulo Freire, a maneira de relação e intervenção que o homem estabelece com outros homens e com o mundo. Observamos, ainda, que essas atividades tiveram como elo central o trabalho e a educação, processos amplamente inter influentes entre si e criados por necessidades de adaptação (readaptação) desses indivíduos ao meio a que pertencem (à natureza).

“Os mecanismos pelos quais a educação, ou mais concretamente a escola,

contribui para produção e reprodução de uma sociedade de classes” (SILVA, 1992, P. 15), nos permite pensá-las enquanto ferramentas de mudança da realidade. Como dizia Paulo Freire:

Há pessoas que me consideram um sonhador, e eu sou um sonhador, mas não um sonhador maluco, e sim um sonhador que tem esperança; A esperança faz parte disto que se vem chamando, nos últimos anos, de natureza humana (entrevista à TV escola, 1992).

Estamos chegando ao final desse diálogo com a esperança de que essa ideia de lutar por uma sociedade mais justa, com mais alegria de se viver, onde se presencie solidariedade, respeito enfim, ima sociedade de todos e para todos. Enquanto tivermos esperança, a vida se torna mais cheia de sentido para ser vivida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Nélon Luiz Bezerra. **Pelos caminhos da sociologia**. Fortaleza: Esmile Editorial, 2008.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geysongley. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOMBARDI, José Claudinei; LIBANEO, José Carlos (Orgs). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Moraes, 1997.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**. São Paulo: 2 ed. Cortez, 1990.

MESZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boi tempo, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que produz e o que reproduz em educação**. Porto Alegre, Artes Medicas, 1992.